

LOND

JACK ON

**CANINOS
BRANCOS**

tradução de

JOSÉ GERALDO COUTO

apresentação e notas de

FÁTIMA MESQUITA

ilustração de

ANDRÉS SANDOVAL

© Panda Books

Direção editorial **Marcelo Duarte, Patth Pachas e Tatiana Fulas**
Coordenação editorial **Vanessa Sayuri Sawada**
Assistentes editoriais **Henrique Torres, Laís Cerullo e Guilherme Vasconcelos**

Coordenação da coleção **Fernando Nuno e Silvana Salerno**

Design **Casa Rex**

Ilustração **Andrés Sandoval**

Revisão da tradução **Ibraíma Dafonte Tavares**

Preparação **Estúdio Sabiá**

Revisão **Valéria Braga Sanalios e Maurício Katayama**

Imagem p. 1 **Jack London** © HARKINS, E. F. *Little pilgrimages among the men who have written famous books: second series*. Boston: L. C. Page, 1903, p. 235

Imagem p. 7 © Shutterstock

Impressão **Ipsis**

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L838c

London, Jack, 1876-1916

Caninos Brancos / Jack London; tradução José Geraldo Couto, apresentação e notas Fátima Mesquita; ilustração Andrés Sandoval. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2022.
280 p.: il.; 23 cm.

Tradução de: *White Fang*

ISBN 978-65-5697-240-4

1. Ficção americana. I. Couto, José Geraldo. II. Mesquita, Fátima.
III. Sandoval, Andrés. IV. Título.

22-80101

CDD: 813

CDU: 82-3(73)



Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

2022

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

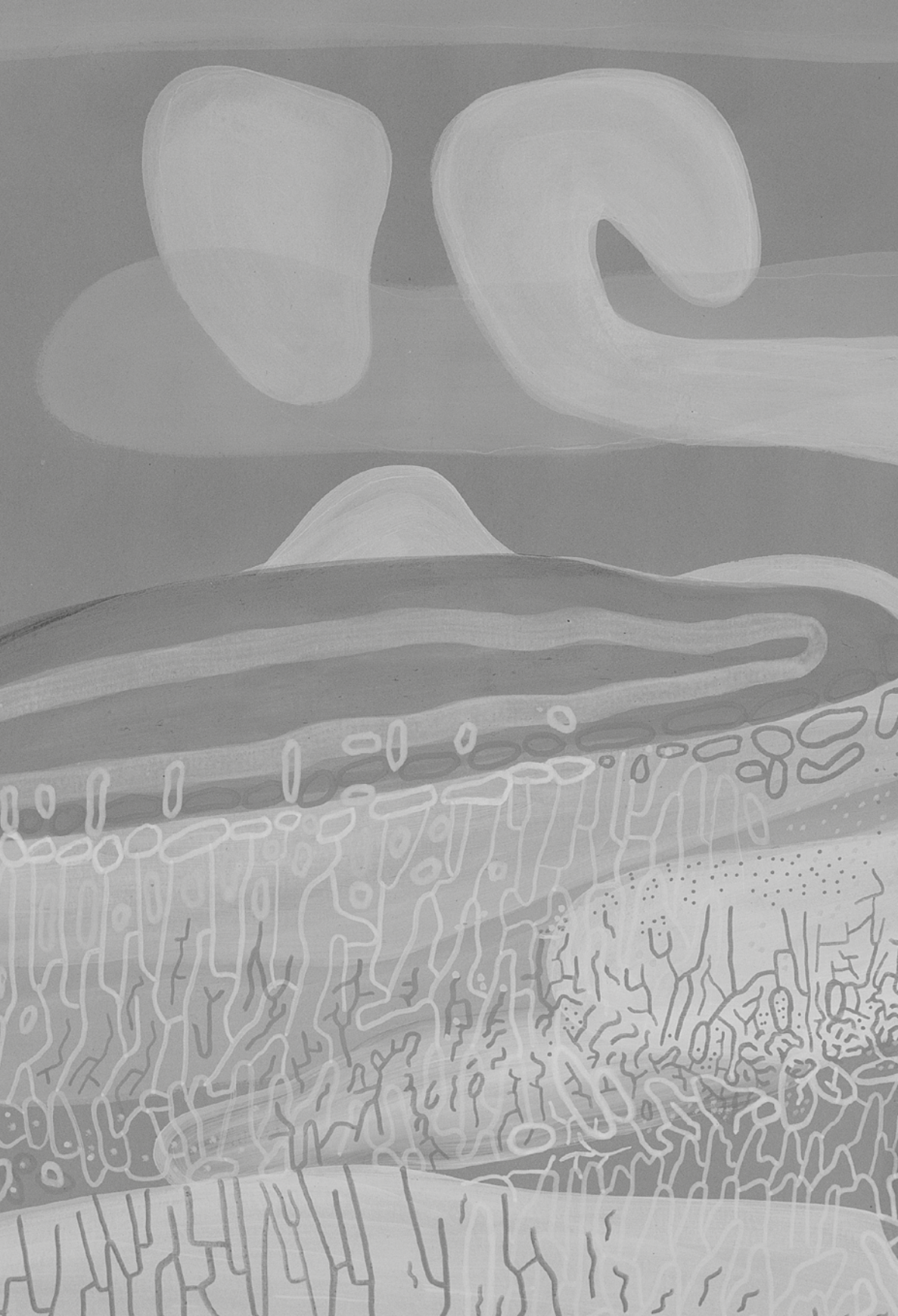
05413-010 – São Paulo, SP

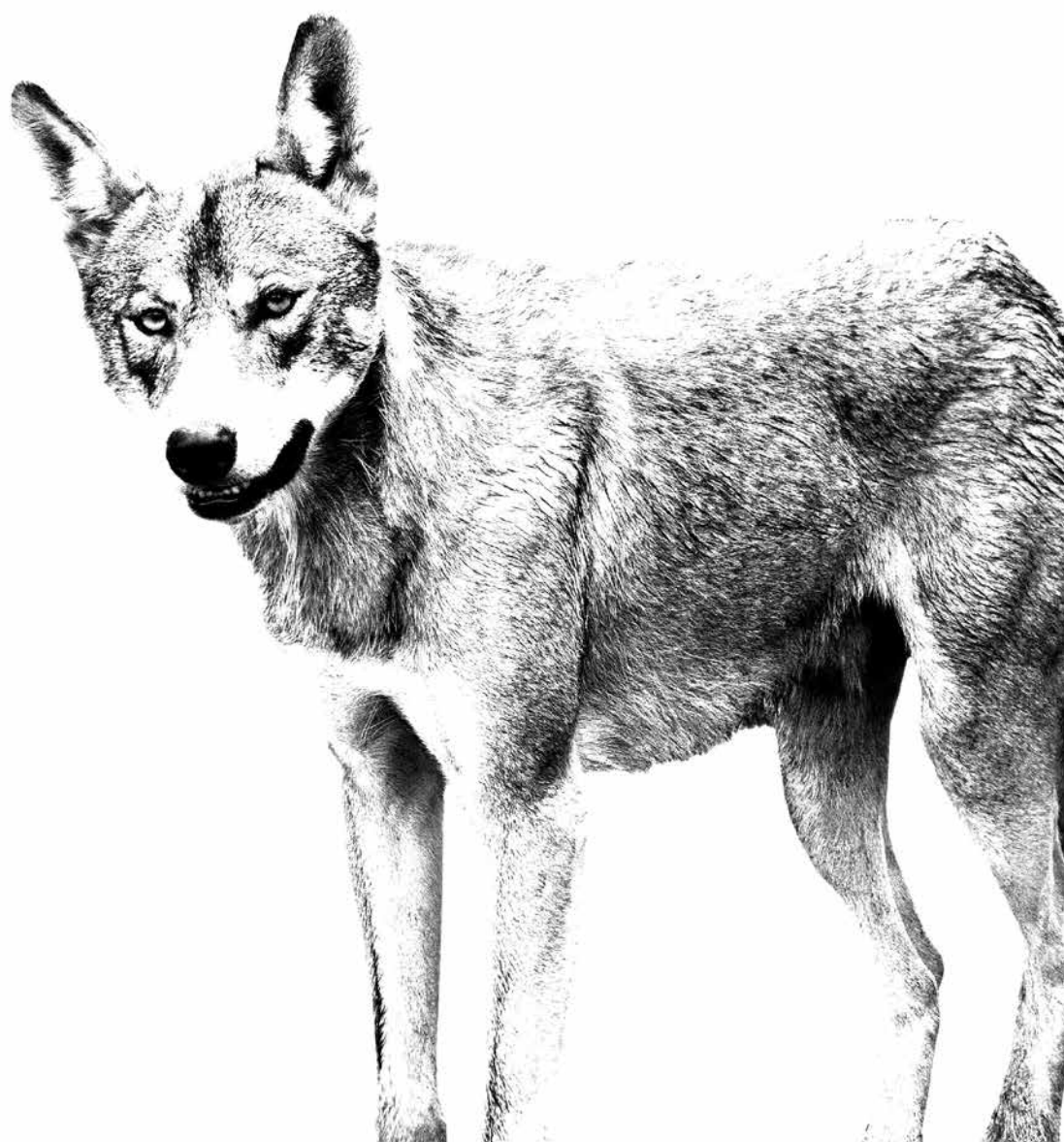
Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br | www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.





APRESENTAÇÃO p. 13

PRIMEIRA PARTE

A NATUREZA SELVAGEM

I O RASTRO DA CARNE p. 25

II A LOBA p. 33

III O GRITO DE FOME p. 45

SEGUNDA PARTE

FILHO DA NATUREZA SELVAGEM

I A BATALHA DOS DENTES p. 59

II A TOCA p. 71

III O FILHOTE CINZENTO p. 81

IV A PAREDE DO MUNDO p. 87

V A LEI DA CARNE p. 99

TERCEIRA PARTE

OS DEUSES DA NATUREZA SELVAGEM

I OS FAZEDORES DE FOGO p. 109

II O CATIVEIRO p. 121

III O PÁRIA p. 131

IV NO RASTRO DOS DEUSES p. 137

V O PACTO p. 143

VI A PENÚRIA p. 153

QUARTA PARTE

OS DEUSES SUPERIORES

I O INIMIGO DE SUA ESPÉCIE p. 165

II O DEUS LOUCO p. 177

III O REINADO DO ÓDIO p. 187

IV A MORTE SUSPensa p. 193

V O INDOMÁVEL p. 205

VI O DONO AMOROSO p. 211

QUINTA PARTE

O DOMESTICADO

I A LONGA TRILHA p. 229

II AS TERRAS DO SUL p. 235

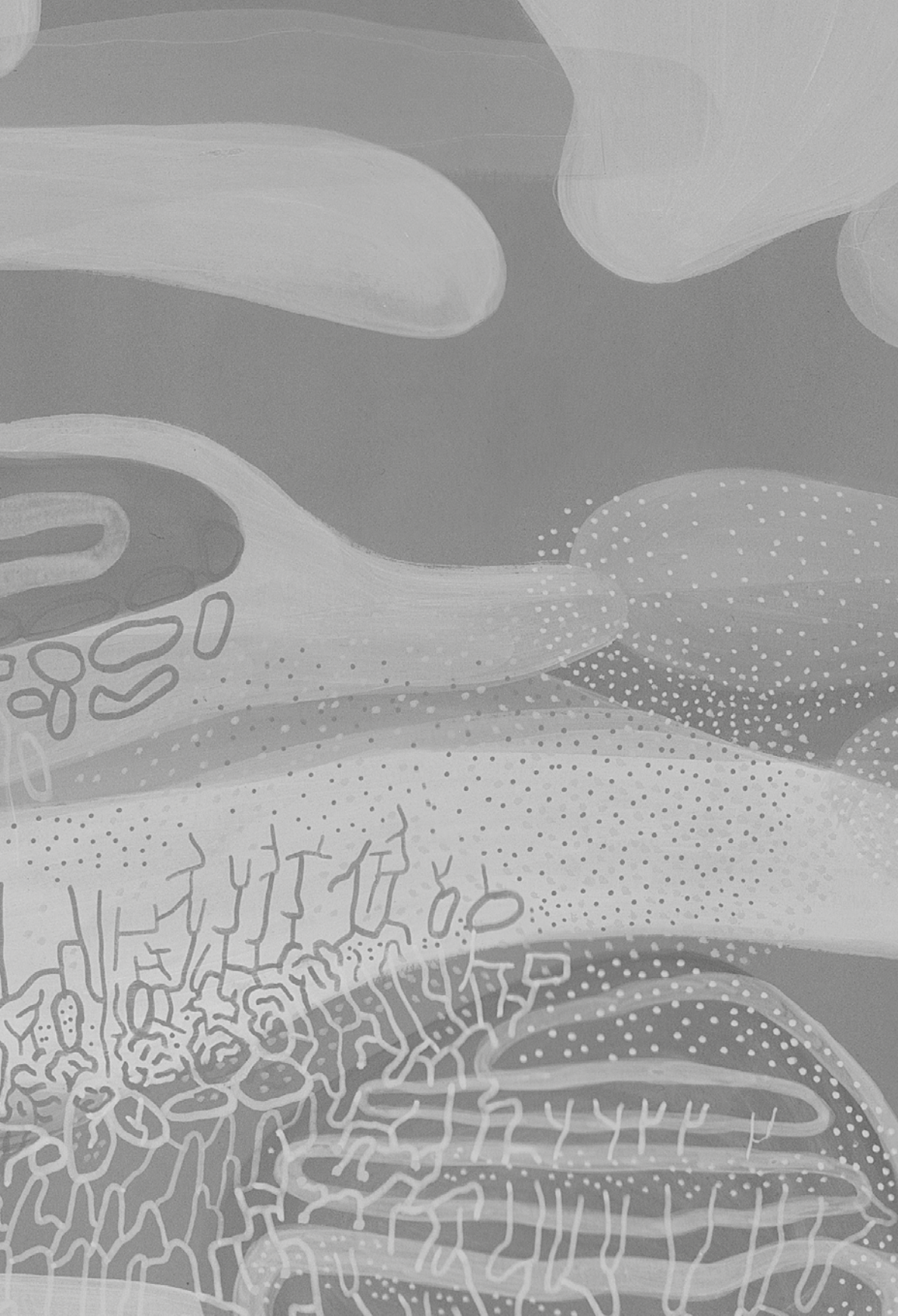
III O DOMÍNIO DO DEUS p. 243

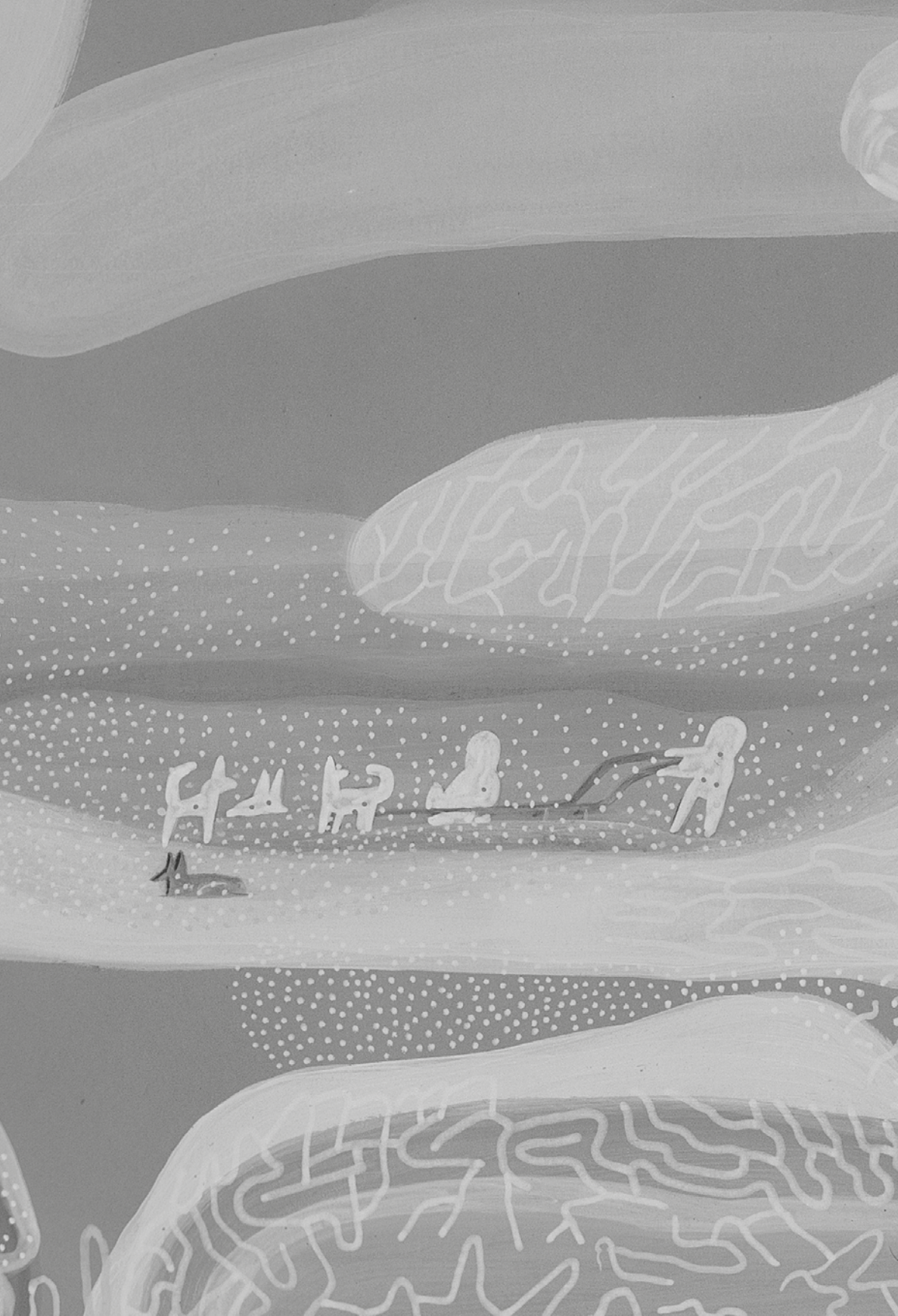
IV O CHAMADO DA ESPÉCIE p. 255

V O LOBO ADORMECIDO p. 263

MAPA DE PERSONAGENS p. 276

BIOGRAFIAS p. 278





APRESENTAÇÃO

SOPA IMORTAL DE LETRINHAS NÍVEL HIGHLANDER MASTER

Então, aqui está você, decidida(o) — ou ao menos tentada(o) — a ler um clássico, um conjunto de palavras e ideias que um belo dia saiu da cabeça de uma escritora ou um escritor e que vem vindo, ano após ano, enredando leitores de todo tipo, de toda idade, de toda língua, de toda natureza. O que você tem nas mãos — se liga — já é só por isso um tesouro, porque, quando você mergulha na trama e no drama de um clássico, está participando de uma experiência coletiva inacreditável. Sente o poder?

Pois os clássicos são isso mesmo: são puro poder. Eles são o que fica, o que não se apaga, não se deleta, e a gente logo detecta que, vira e mexe, eles se esticam, crescem, muitas vezes virando filme, influenciando novos autores, roteiristas, letristas de música, poetas, autores de novelas, conversas de boteco e muito mais — sim, porque às vezes eles influenciam até a maneira como a gente vê o mundo, como se comporta nele... É um poder cósmico e concentrado aí numa sopa imortal de letrinhas nível *highlander master*! Bora encarar?

Ah, eu entendo. Às vezes a linguagem é tão estranha que a gente tropeça e cai de boca na preguiça. Outras vezes, o desânimo vem de trechos de descrição sem fim, ou uma cuspição de referências que cansam, umas trancas chatas, viu? E é verdade: tem uns períodos do passado escrito da nossa história de seres humanos em que as pessoas pareciam bater palma e passar pano direto pra isso na literatura.

Mas imagino cá com minhas teclas que você tenha uma cabeça aberta, certo? Então, escancara mesmo, se deixe levar por países, cidades, tempos, costumes, leis, tradições, sabores e amores tão distantes da gente, mas tão pertinho da nossa humanidade. Se larga aí num canto gostoso, se esparrama num sofá, ou cava espaço no aperto do trem, no sacolejo do ônibus, na zoeira do metrô e mergulha no classicão que aqui está. Você irá automaticamente adentrar uma *rave* de milhões de almas, de agora e do passado, que já curtiram o que você está prestes a decodificar neste instante. E deixe com os beques aqui a defesa da sua sanidade, porque a gente incluiu nestas páginas uma montanha de comentários que vão facilitar sua leitura, esclarecendo palavras, revelando contextos e tretas diversas — e várias vezes até abrindo novas portas para outras curiosidades que têm a ver com a história. E tudo isso com um bom humor danado!

Então seja bem-vinda(o) à nossa coleção de clássicos internacionais: mete os peitos, *pow!*

OSTRAS, FOCAS, GARIMPO, CADEIA E TEXTOS (OU COMO UM JOHN VIROU JACK)

Jack não nasceu Jack. Nem London era. Ele veio ao mundo em 1876 na cidade de São Francisco, à beira do oceano Pacífico nos Estados Unidos, como John Griffith Chaney — um menino pobretão, filho de uma professora de piano que também atuava como vidente e de um pai que não queria saber nem dele nem dela. Mas logo, logo a mãe foi morar com um sujeito mais de boa chamado John London, de quem o autor de *Caninos Brancos* adotou o sobrenome.

A pobreza é que não mudou em nada com a chegada do padrasto em cena. Até porque aquela foi uma época de problemas econômicos pra lá de pesados nos Estados Unidos. Então, nosso John-Jack teve que abandonar a escola aos catorze anos para fazer dinheiro. O rapaz trabalhou em fazenda e fábrica, foi entregador de gelo, colocador de pino em pé num boliche, vendeu jornal, tentou a sorte como ladrão fuleiro de ostras, foi até o Japão

trampando num navio caçador de focas, trabalhou de fiscal de pesca para o governo e depois virou uma espécie de mendigo, rodando o país dele via carona clandestina em vagões de trem e vivendo de bicos aqui e ali. Tudo isso até ser preso por vadiagem.

Após essa curta temporada no cadeia, nosso Jack até tentou voltar pra escola, mas demorou foi nada e ele se encantou com a ideia de ir para o norte profundo e gelado das Américas para ser garimpeiro. Afinal de contas, a conversa que rolava forte naqueles tempos era a de que lá na distante região do rio Klondike, no Canadá, havia ouro fácil enricando muita gente.

John-Jack partiu então cheio de entusiasmo, mas voltou de bolsos vazios, sem nem um cheirinho de riqueza dourada pra chamar de sua. Em compensação, retornou pra casa com a ideia de virar escritor profissional. E foi assim que, na maior seriedade, o rapaz começou a estudar as revistas, ver quais publicavam contos, quanto pagavam e tal. E danou a colocar no papel coisas ligadas à sua vida de aventureiro, falando da natureza, das paisagens, do povo simples, da vida real e das suas ideias socialistas.

O sucesso não demorou e fez nascer Jack, um escritor que vendia bem e era admirado por muitos. E, como ele era gastador que só vendo, o cara escrevia sem parar. Em seus dezoito anos de vida profissional, foram cinquenta títulos. Dá praticamente um a cada quatro meses! Isso sem falar no seu trabalho como jornalista, escrevendo sobre esportes e política ou atuando como correspondente de guerra.

Jack morreu no final de 1916, aos quarenta anos de idade, com falência dos rins e problemas no sistema digestório — e, porque estava usando morfina pra dor, há no ar uns rumores de suicídio, mas sem muita convicção porque o homem morreu cheio de planos. Jack deixou pra trás uma esposa, uma ex-esposa e duas filhas, além de uma penca sem fim de fãs e muita coisa boa para essa turma toda ler.

E POR QUE JACK TANTO NOS INTERESSA?

Jack, minha gente, desperta tudo mesmo, menos desintresse. Porque em tudo quanto é cantinho das suas narrativas há esse sabor de aventura misturado com realidade e uma coisa com que muitos de nós se identificam: a luta pela sobrevivência.

Outra coisa interessante demais é que o texto em si não é rebuscado nem complicado, com o encanto ficando mais na ação e na rudeza da vida como ela é mesmo, sem pérolas douradas nem nada. Porque, afinal de contas, Jack escrevia em cima das experiências reais da própria vida, e sempre trazendo muito da perspectiva dos ferrados, dos suados, dos deixados pra trás, de fora da mesa, longe do prato, sem cobertor nem sapato.

Aliás, Jack London era socialista de carteirinha. Ele achava que os seres humanos deveriam viver em cooperação e que eram todos iguais, que o capitalismo precisava sair de cena para dar lugar a um troço mais justo. Só que, ao mesmo tempo, nosso autor tinha também umas posições bem complicadas, afinadas com o racismo eugenista que crescia na época com aquela lenga-lenga de superioridade branca. Jack reproduz com força — neste volume aqui, inclusive — um discurso duro de engolir hoje em dia e que venera o branco civilizado e culto enquanto coloca o indígena como um selvagem, bruto, ignorante... (veja meus olhinhos revirando aqui, tá vendo?).

Mas, colocando tudo isso sob uma perspectiva histórica e seguindo adiante na leitura, o que se vê é que o cara foi mesmo um marco no trajeto da literatura, com sua pegada de naturalismo que influenciou gente como Bob Dylan, Jack Kerouac, todos os *road movies* já rodados, a série *The Walking Dead* e muito mais. Aliás, falando em cinema e tevê, o que não falta é adaptação — boa e ruim — de livros do London para telinhas e telonas. Vale conferir, viu?

Ops, pausa para fofoca. Deixa eu abrir um espaço aqui para falar rapidinho das acusações de plágio que caíram em cima do Jack e que aconteciam com certa regularidade. Em sua defesa, ele dizia que tirava muita ideia

de notícia de jornal e que era só coincidência que outros autores usassem os mesmos fatos na geração de textos. Outras vezes ele dizia que tinha mesmo usado um texto como “inspiração”. Enfim, tudo nunca deu em nada, mas fica aqui o registro.

CANINOS À MOSTRA

Neste livro, a gente segue a vida do Caninos Brancos, que é meio lobo e meio cachorro, e que enfrenta vários tipos de desafios para crescer e sobreviver. Esse “cachobo” nasce bem selvagem no meio da floresta lá em cima do mapa da América do Norte e está treinando a sua vida de caçador quando se depara, ainda filhote, com uma turma de indígenas da região que o levam a dar os primeiros passos rumo à domesticação.

Mais tarde nosso protagonista cachobo vai viver duas experiências opostas nas mãos dos seres humanos: uma como uma espécie de gladiador, disputando lutas de vida ou morte para entreter pessoas, e outra como parte de uma família, levando vida pacata ao estabelecer uma relação de confiança, amor e respeito com outras pessoas.

Porém, mais que o enredo, o que nos prende com cola forte às páginas de *Caninos Brancos* é a maneira como o Jack consegue fazer a gente se sentir parte do bicho, olhando o mundo, os acontecimentos, sob a perspectiva desse cachobo. De repente você está ali puxando trenó, caindo na água gelada, caçando uma ave, se metendo em briga, aprendendo a lidar com as doidices do ser humano... numa viagem incrível, imperdível, atemporal e inesquecível. E essa jornada, de carona no corpo do bicho, na alma dele, faz a gente pensar um bocado num assunto eterno e muito humano, que é como aprendemos a lidar com o amor e o ódio. Baita lição! Então, ó, pule de cabeça, viu, e boa viagem!

Fátima Mesquita

Espia só os títulos principais da imensa obra de Jack London:

O FILHO DO LOBO (1900)

A FILHA DA NEVE (1902)

O CHAMADO SELVAGEM (1903)

O POVO DO ABISMO (1903)

O LOBO DO MAR (1904)

A EXPEDIÇÃO DO PIRATA (1905)

CANINOS BRANCOS (1906)

ANTES DE ADÃO (1907)

MARTIN EDEN (1909)

ESCRITOS POLÍTICOS (1910)

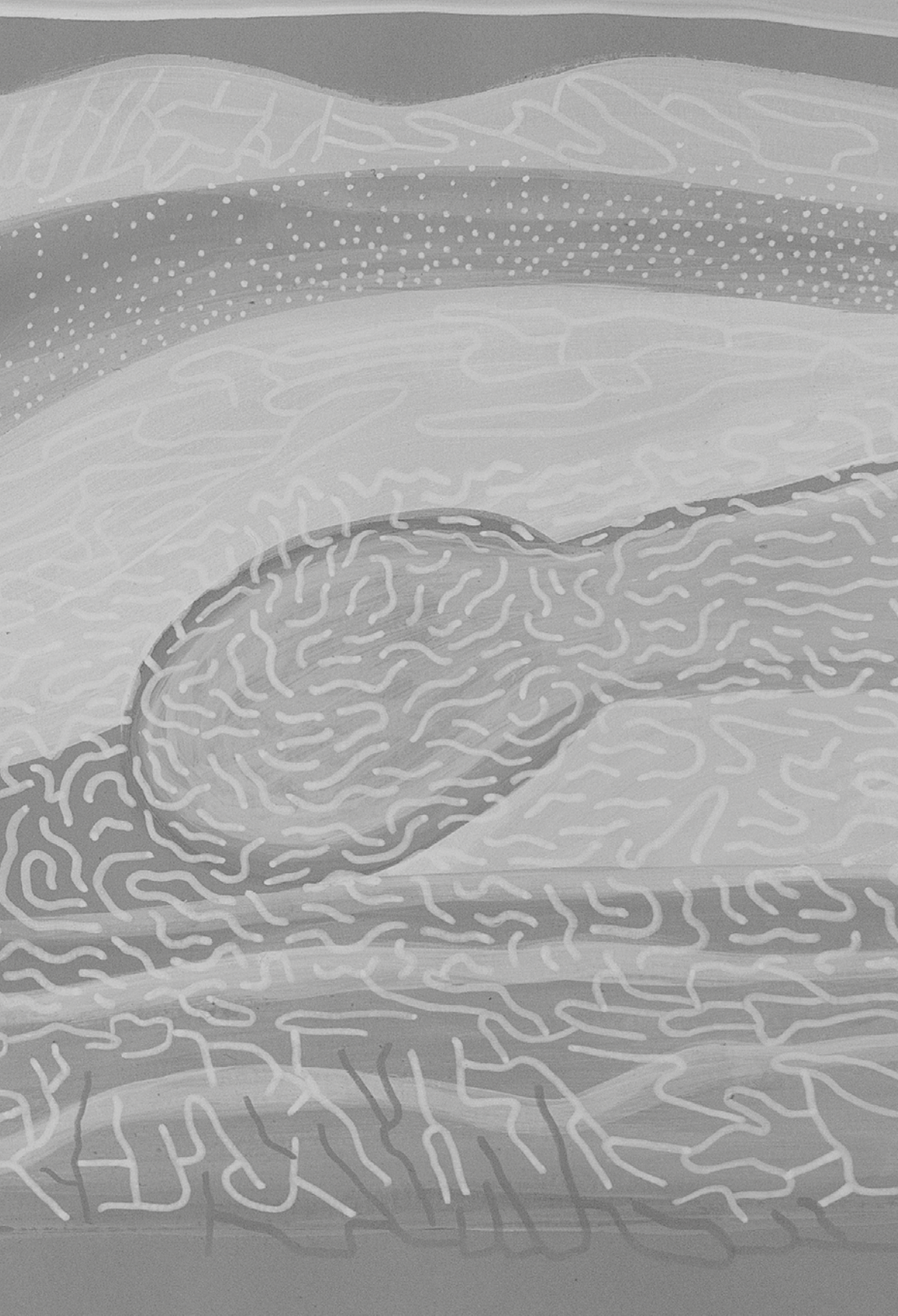
A TRAVESSIA DO SNARK (1911)

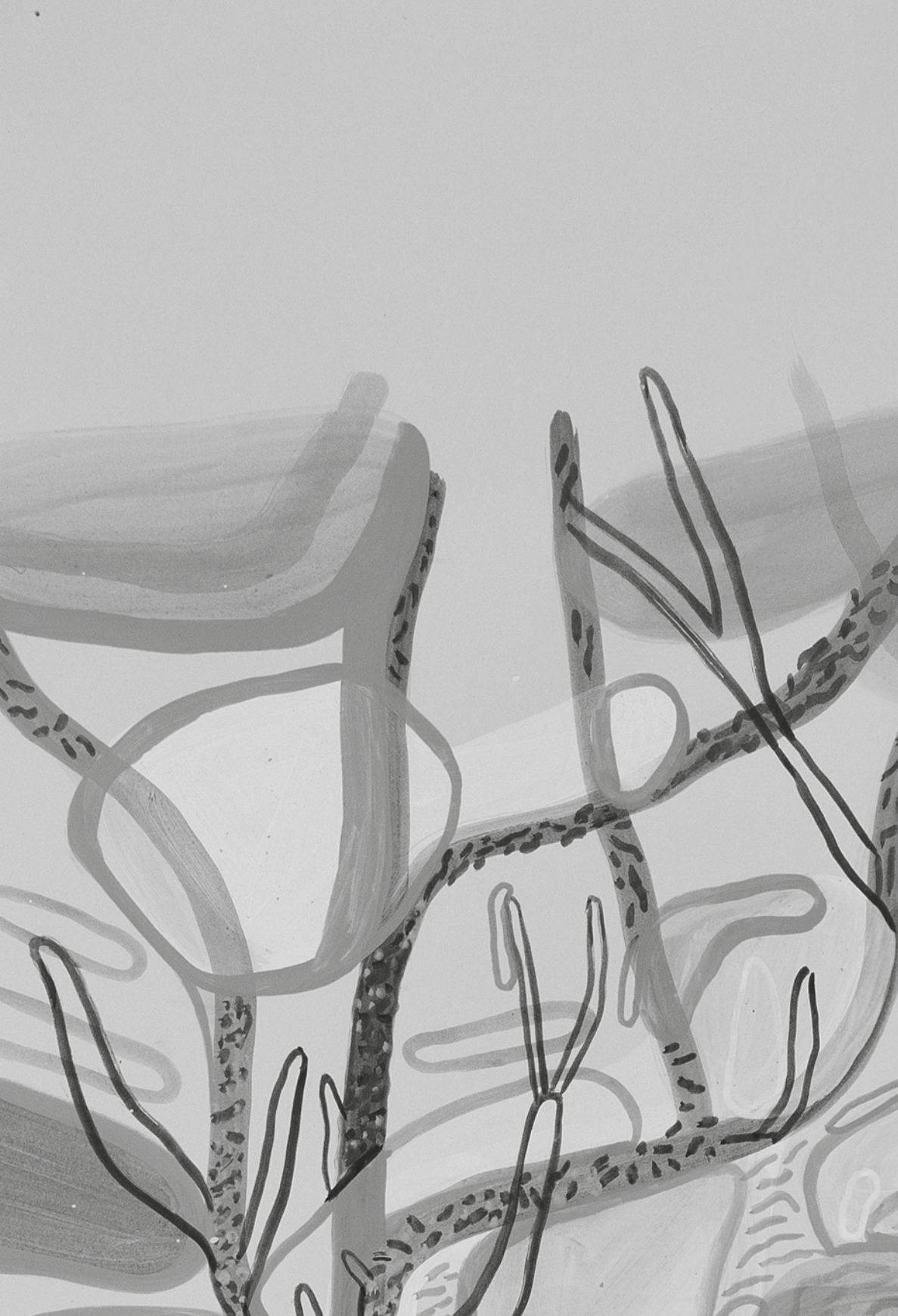
CONTOS DO PACÍFICO (1911)

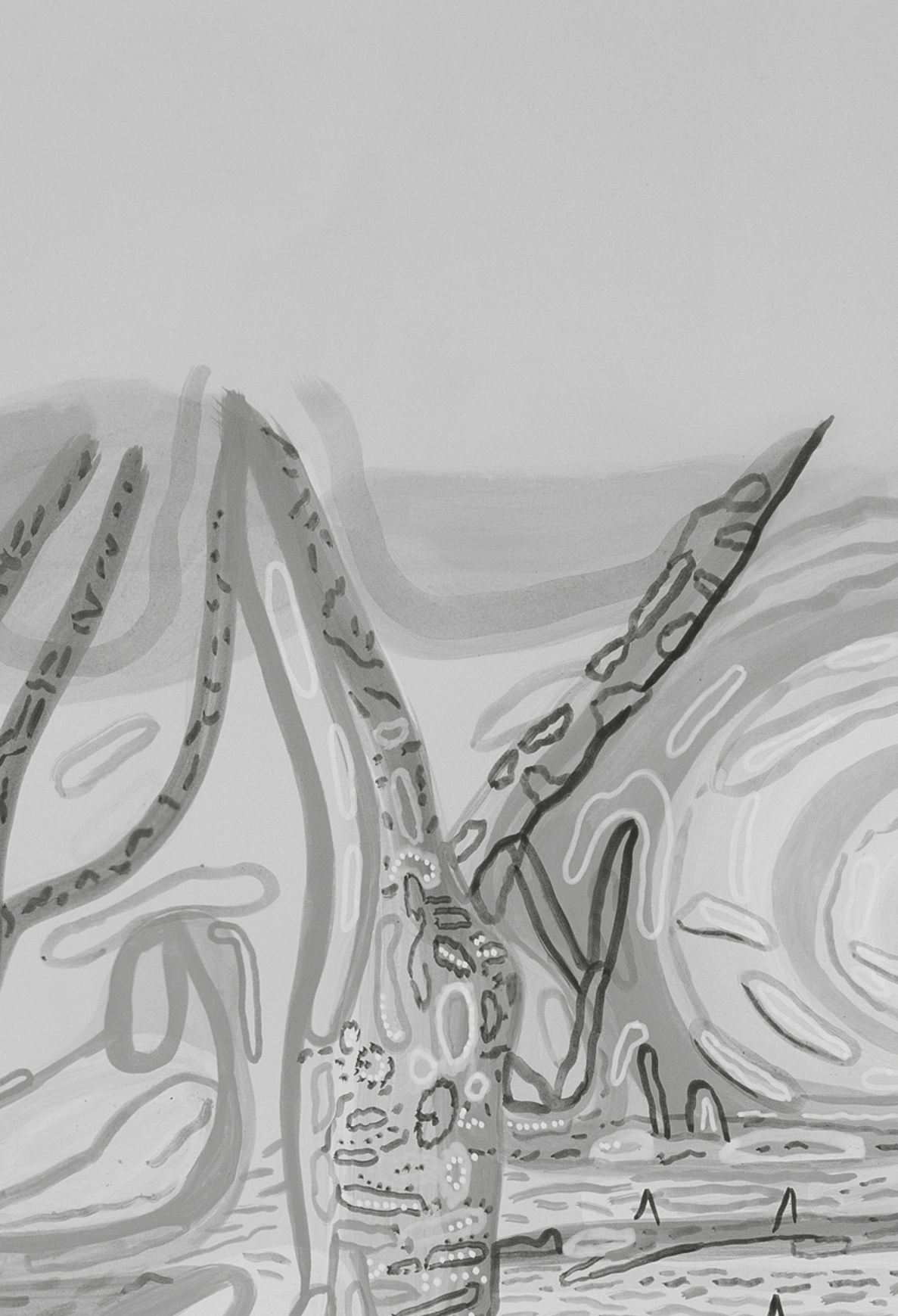
MEMÓRIAS DE UM ALCOÓLICO (1913)

A PRAGA ESCARLATE (1915)

O ANDARILHO DAS ESTRELAS (1915)







***PRIMEIRA
PARTE***

A NATUREZA SELVAGEM

O RASTRO DA CARNE

FLORESTAS ESCURAS DE ABETOS eram como sobrance-lhas franzidas dos dois lados do rio congelado. Um vento recente havia despido as árvores de sua cobertura branca de geada, e elas pareciam inclinar-se umas para as outras, sombrias e agourentas, na luz minguante. Um vasto silêncio reinava sobre a terra. A própria terra era uma desolação, sem vida, sem movimento, tão erma e fria que seu espírito não era sequer de tristeza. Havia nela uma insinuação de riso, mas de um riso mais terrível que qualquer tristeza — um riso sem alegria como o sorriso da **Esfinge**, um riso frio como a geada e, como esta, sombriamente implacável. Era a sabedoria imperiosa e incomunicável da eternidade rindo do esforço fútil da vida. Era a Natureza Selvagem, rude e gelada do Norte bravio.

Mas *havia* vida, sim, espalhada na imensidão da terra, desafiadora. Pelo rio congelado avançava com esforço um grupo de cães **indômitos** como lobos. Seus pelos arrepiados estavam cobertos de geada. Seu hálito se condensava no ar ao sair da boca, irrompendo em espumas de vapor que pousavam em sua pelagem na forma de cristais de gelo. Arreios de couro sujeitavam os cães, e tirantes também de couro os atrelavam a um trenó que eles arrastavam atrás de si. O trenó não deslizava sobre esquis. Era feito de casca dura de **vidoeiro**, e sua superfície pousava diretamente na neve. A extremidade dianteira do trenó era curvada para cima, como a ponta de um rolo de papel, para empurrar e amassar as ondulações de neve fofa que surgiam pela frente. Sobre o trenó, amarrada com

Abeto é um tipo de pinheiro.

Tanto os gregos quanto os egípcios tinham esse lance de **esfinge**, que é uma criatura mitológica com corpinho de leão e cabeça de gente — às vezes até rolava uma asinha também.

Indômito > não domesticado, selvagem, feroz.

Vidoeiro é uma árvore de tronco fino e claro, também chamada de bétula.

firmeza, estava uma grande caixa retangular estreita e comprida. Havia outras coisas no trenó — cobertores, um machado, uma cafeteira e uma frigideira; mas o que se destacava, ocupando a maior parte do espaço, era a caixa retangular estreita e comprida.

Na frente dos cães, com botas de neve de solas grossas, um homem avançava com muito esforço. Atrás do trenó, seguia com igual esforço um segundo homem. No trenó, dentro da caixa, jazia um terceiro homem cujo esforço chegara ao fim — um homem a quem a Natureza Selvagem havia subjugado e abatido até ele não poder mais se mover nem lutar. Não é do feitio da Natureza Selvagem gostar de movimento. Para ela, a vida é uma afronta, pois a vida é movimento, e a Natureza Selvagem sempre almeja destruir o movimento. Ela congela a água para impedi-la de correr para o mar; ela arranca a seiva das árvores até congelar seu potente coração; e de modo ainda mais feroz e terrível a Natureza Selvagem depreda, esmaga e subjuga o homem — o homem, que é o ser mais vibrante de vida, sempre em revolta contra a sentença de que todo movimento deve afinal encontrar sua cessação.

Mas à frente e atrás, incontidos e indômitos, avançavam com esforço os dois homens que ainda não estavam mortos. Seus corpos estavam revestidos de peles e de couro curtido macio. Os cílios, as faces e os lábios estavam tão cobertos de cristais formados pela respiração condensada que os rostos não eram reconhecíveis. Isso lhes dava o aspecto de máscaras fantasmagóricas, coveiros de um mundo **espectral** no funeral de algum fantasma. Mas embaixo de tudo aquilo eles eram homens que adentravam a terra da desolação, do escárnio e do silêncio, frágeis aventureiros em meio a uma aventura colossal, batendo-se contra a força de um mundo tão remoto, hostil e inerte quanto os abismos do espaço sideral.

Viajavam sem falar, poupando o fôlego para a labuta corporal. De todos os lados vinha o silêncio, oprimindo-os como uma presença **tangível**. Ele afetava suas mentes como as muitas atmosferas das águas profundas afetam o

Espectral > que tem a ver com fantasma, espectro.

Tangível > que dá pra tocar, que dá pra perceber.

Atmosfera, aqui, refere-se à unidade de medida da pressão da água sobre o corpo.

corpo do mergulhador. Esmagava-os com o peso da vastidão sem fim e da sentença inalterável. Esmagava-os nos mais **recônditos** recessos de sua mente, espremendo para fora, como suco extraído da uva, todos os falsos ardores, as exaltações e a autoestima indevida da alma humana, até eles se perceberem finitos e pequenos, não mais que ciscos minúsculos movendo-se com inteligência fraca e parco saber em meio à ação e à reação dos grandes e cegos elementos e das forças naturais.

Recôndito > profundo, encoberto, oculto.

Passou-se uma hora, e mais outra. A luz pálida do dia curto e sem sol começava a enfraquecer quando um uivo impreciso e distante irrompeu no ar parado. Subiu com um ímpeto veloz, até atingir sua nota mais elevada, onde persistiu, palpitante e tenso, e em seguida extinguiu-se lentamente. Poderia ter sido o lamento de uma alma perdida se não trouxesse em si certa ferocidade triste e uma **avidez** faminta. O homem da frente virou a cabeça até seus olhos se encontrarem com os do homem de trás. E então, por cima da caixa estreita, acenaram com a cabeça um para o outro.

Avidez > desejo intenso.

Ergueu-se um segundo uivo, perfurando o silêncio com uma estridência aguda como uma agulha. Os dois homens localizaram o som. Vinha de trás deles, de algum lugar na imensidão nevada que haviam acabado de atravessar. Um terceiro uivo irrompeu em resposta, também atrás deles e à esquerda do segundo uivo.

— Eles estão em nosso encalço, Bill — disse o homem da frente.

Sua voz soou rouca e irreal, e era evidente o esforço com que falava.

— A carne anda escassa — respondeu seu camarada. — Faz dias que não vejo sinal de coelho.

Depois disso não falaram mais, embora os ouvidos estivessem atentos aos uivos que continuavam a irromper atrás deles.

Quando desceu a escuridão, eles dirigiram os cães para um pequeno bosque de abetos à beira do rio e montaram acampamento. O caixão, junto à fogueira, serviu de assento e de mesa. Os cães-lobos, aglomerados do outro

lado da fogueira, rosnavam e brigavam uns com os outros, mas não mostravam a menor inclinação para se desgarrar rumo à escuridão.

— Tenho a impressão, Henry, de que eles estão ficando mais perto do acampamento — comentou Bill.

De cócoras junto ao fogo, ajeitando a cafeteira com um pedaço de gelo, Henry moveu a cabeça, concordando. Não abriu a boca até tomar seu assento no caixão e começar a comer.

— Eles sabem muito bem onde estão a salvo — disse ele. — Preferem comer qualquer gororoba a virar refeição dos outros. São bem espertos, esses cachorros.

Bill abanou a cabeça. — Ah, não sei, não.

Seu camarada olhou para ele com curiosidade. — É a primeira vez que ouço você dizer alguma coisa que dá a entender que eles não são espertos.

— Henry — disse o outro, mastigando pensativo o feijão que estava comendo —, você por acaso notou a algazarra que os cachorros fizeram quando dei comida para eles?

— Verdade, eles estavam mais alvoroçados que de costume — reconheceu Henry.

— Quantos cachorros nós temos, Henry?

— Seis.

— Bem, Henry... — Bill se calou por um momento, de modo a conferir maior importância a suas palavras. — Como eu estava dizendo, Henry, temos seis cachorros. Tirei seis peixes da sacola. Dei um peixe para cada um e, sabe, Henry, faltou um peixe.

— Você contou errado.

— Temos seis cachorros — repetiu o outro, sem ênfase. — Peguei seis peixes. Quem ficou sem peixe foi o Uma Orelha. Depois disso voltei à sacola e peguei o peixe dele.

— Só temos seis cachorros — disse Henry.

— Henry — prosseguiu Bill —, não estou dizendo que todos eram cachorros, mas sete bichos comeram peixe.

Henry parou de comer para lançar um olhar ao outro lado da fogueira e contar os cães.

— Agora só tem seis — disse.

— Eu vi o outro sair correndo pela neve — anunciou Bill com uma convicção impassível. — Vi sete.

Seu camarada o encarou com pena e disse: — Não vejo a hora de terminar esta viagem.

— O que quer dizer com isso? — perguntou Bill.

— Que esta nossa carga está mexendo com seus nervos, e que você está começando a ver coisas.

— Também pensei isso — respondeu Bill, em tom sério. — E então, quando vi o bicho correndo, fui olhar a neve e vi o rastro dele. Aí contei os cachorros, e eles ainda eram seis. O rastro ainda está lá na neve. Quer ver? Eu mostro.

Henry não respondeu, mas ficou mastigando em silêncio até que, terminada a refeição, arrematou-a com uma última caneca de café. Limpou a boca com o dorso da mão e disse:

— Então você está achando que era...

Um uivo de lamento, intensamente triste, vindo de algum lugar na escuridão, interrompeu sua fala. Ele parou para escutar, depois terminou a frase com um gesto de mão na direção do som do uivo: — ... um deles?

Bill concordou com a cabeça. — Eu não tenho a menor dúvida. Você mesmo notou o escarcéu que os cachorros fizeram.

Uivo após uivo, e os uivos em resposta, estavam transformando o silêncio num tumulto. Os sons vinham de todos os lados, e os cães traíam seu pavor amontoando-se uns contra os outros, e tão próximos do fogo que seus pelos eram chamuscados pelo calor. Bill jogou mais lenha na fogueira antes de acender seu cachimbo.

— Estou achando você um tanto abatido — disse Henry.

— Henry... — Tragou seu cachimbo por um tempo, pensativo, antes de continuar. — Henry, eu estava aqui pensando que ele é muito mais sortudo do que eu e você já mais seremos.

Indicou a terceira pessoa apontando o polegar para baixo, em direção ao caixão onde estavam sentados.

— Você e eu, Henry, quando a gente morrer, vamos nos dar por felizes se tivermos pedras suficientes sobre a carcaça para manter os cachorros longe.

— Mas não temos pessoal, nem dinheiro, nem todo o resto, ao contrário dele — retrucou Henry. — Um funeral de longa distância não é exatamente um luxo que a gente possa ter.

— O que me deixa intrigado, Henry, é o que um sujeito como esse, que é um lorde ou alguma coisa do tipo no país dele, e que nunca teve que se importar com rango nem com cobertor, o que diabos ele vem fazer neste fim de mundo esquecido por Deus. É isso que não consigo entender.

— O sujeito podia morrer de velhice se tivesse ficado na terra dele — concordou Henry.

Bill abriu a boca para falar, mas mudou de ideia. Em vez disso, apontou em direção à muralha de escuridão que os comprimia por todos os lados. Não se enxergava nem o contorno das formas no negrume absoluto; só dava para ver um par de olhos faiscando como brasas. Henry indicou com a cabeça um segundo par, e um terceiro. Um círculo de olhos faiscantes rondava o acampamento. Vez por outra um par de olhos se movia, ou desaparecia para reaparecer depois de um momento.

A inquietação dos cães havia se intensificado, e numa onda repentina de pavor eles vieram correndo para o outro lado da fogueira, encolhendo-se e rastejando junto às pernas dos homens. Na confusão, um dos cães foi empurrado sobre a beirada do fogo e começou a ganir de dor e pânico, enquanto o cheiro de seu couro chamuscado dominava o ar. A comoção fez que o círculo de olhos se agitasse por um momento e até recuasse um pouco, mas ele se instalou de novo quando os cães se acalmaram.

— Henry, é um tremendo azar estarmos sem munição.

Bill tinha terminado de fumar seu cachimbo e estava ajudando seu companheiro a fazer a cama de peles e cobertas sobre os ramos de abeto que havia estendido na neve antes do jantar. Henry soltou um resmungo e começou a desamarrar os **mocassins**.

— Quantos cartuchos você disse que ainda restavam? — perguntou.

— Três — foi a resposta. — Queria que fossem trezentos. Aí eu ia mostrar a esses malditos pra que serviam!

Os sapatos típicos de povos nativos do Canadá, feitos com pele de alce, caribu (que é como chamam a rena naquela região), bisão ou veado, são chamados de **mocassins**.

Brandiu o punho cerrado com raiva em direção aos olhos faiscantes e passou a acomodar seus mocassins em estacas perto do fogo.

— E queria que este frio desse uma trégua — continuou. — Já faz três semanas que está quarenta e cinco graus abaixo de zero. Quem dera nunca tivesse começado esta viagem, Henry. Não estou gostando nada disto. Sinto que alguma coisa está errada. E, já que estou dizendo o que eu queria, queria que esta viagem já tivesse acabado e que você e eu estivéssemos agora mesmo sentados diante da lareira em Fort McGurry, jogando baralho. É isso que eu queria.

Henry grunhiu e se enfiou na cama. Quando estava quase caindo no sono, foi acordado pela voz de seu camarada.

— Me diga uma coisa, Henry, aquele outro que veio e abocanhou um peixe... por que os cachorros não se lançaram contra ele? É isso que está me atormentando.

— Você está se atormentando demais, Bill — foi a resposta sonolenta. — Você nunca foi assim. Agora feche a boca e trate de dormir, que amanhã você acorda em plena forma. Você está com azia, é isso que o está atormentando.

Os homens dormiram lado a lado, respirando pesadamente, sob cobertas compartilhadas. O fogo se extinguiu, e os olhos faiscantes apertaram mais o círculo que tinham formado em torno do acampamento. Em seu pavor, os cães se aglomeravam, vez por outra rosnando ameaçadoramente quando um par de olhos se aproximava. Uma vez o alvoroço deles foi tão ruidoso que acordou Bill. Este se levantou da cama com cuidado, para não perturbar o sono do camarada, e jogou mais lenha na fogueira. Quando as chamas começaram a aumentar, o círculo de olhos foi recuando. Ele lançou um olhar distraído para os cães aglomerados. Esfregou os olhos para enxergá-los com mais nitidez. Então se arrastou de volta para as cobertas.

— Henry — disse. — Ei, Henry.

Henry resmungou ao passar do sono à vigília e perguntou: — O que é que foi desta vez?

— Nada — foi a resposta. — Só que agora são sete de novo. Acabei de contar.

Henry recebeu a informação com um grunhido que se converteu num ronco quando ele afundou de volta no sono.

De manhã foi Henry que acordou primeiro e tirou o companheiro da cama. A luz do dia ainda demoraria três horas para surgir, embora já fossem seis da manhã; e foi no escuro que Henry tratou de preparar o café da manhã, enquanto Bill enrolava as cobertas e preparava a amarração do trenó.

— Diga lá, Henry — ele perguntou de repente —, quantos cachorros você disse que nós temos?

— Seis.

— Errado — proclamou Bill, em tom de triunfo.

— Sete de novo? — indagou Henry.

— Não, cinco. Um se foi.

— Que diabo! — gritou Henry, irado, deixando a comida para ir contar os cães.

— Tem razão, Bill — concluiu. — O Gorducho não está.

— E partiu como um raio. Não deu pra ver nem fumaça dele.

— De jeito nenhum — atalhou Henry. — Eles o engoliram vivo. Aposto que ele ganiu de desespero ao descer pela goela desses malditos.

— Sempre foi um cachorro bestalhão — disse Bill.

— Mas nenhum cachorro seria bestalhão a ponto de sair por aí se suicidando desse jeito. — Henry examinou o que restava do grupo com um olhar especulativo que recapitulava os traços salientes de cada animal. — Aposto que nenhum dos outros faria essa besteira.

— Nem a pau eles saíam de perto do fogo — concordou Bill. — Sempre achei que tinha alguma coisa errada com o Gorducho, de todo modo.

E esse foi o epitáfio de um cão morto na trilha do Norte — menos minguido que o epitáfio de muitos outros cães, e de muitos homens.

Epitáfio é o que se escreve no túmulo de alguém, ou um elogio que se faz a um morto.